

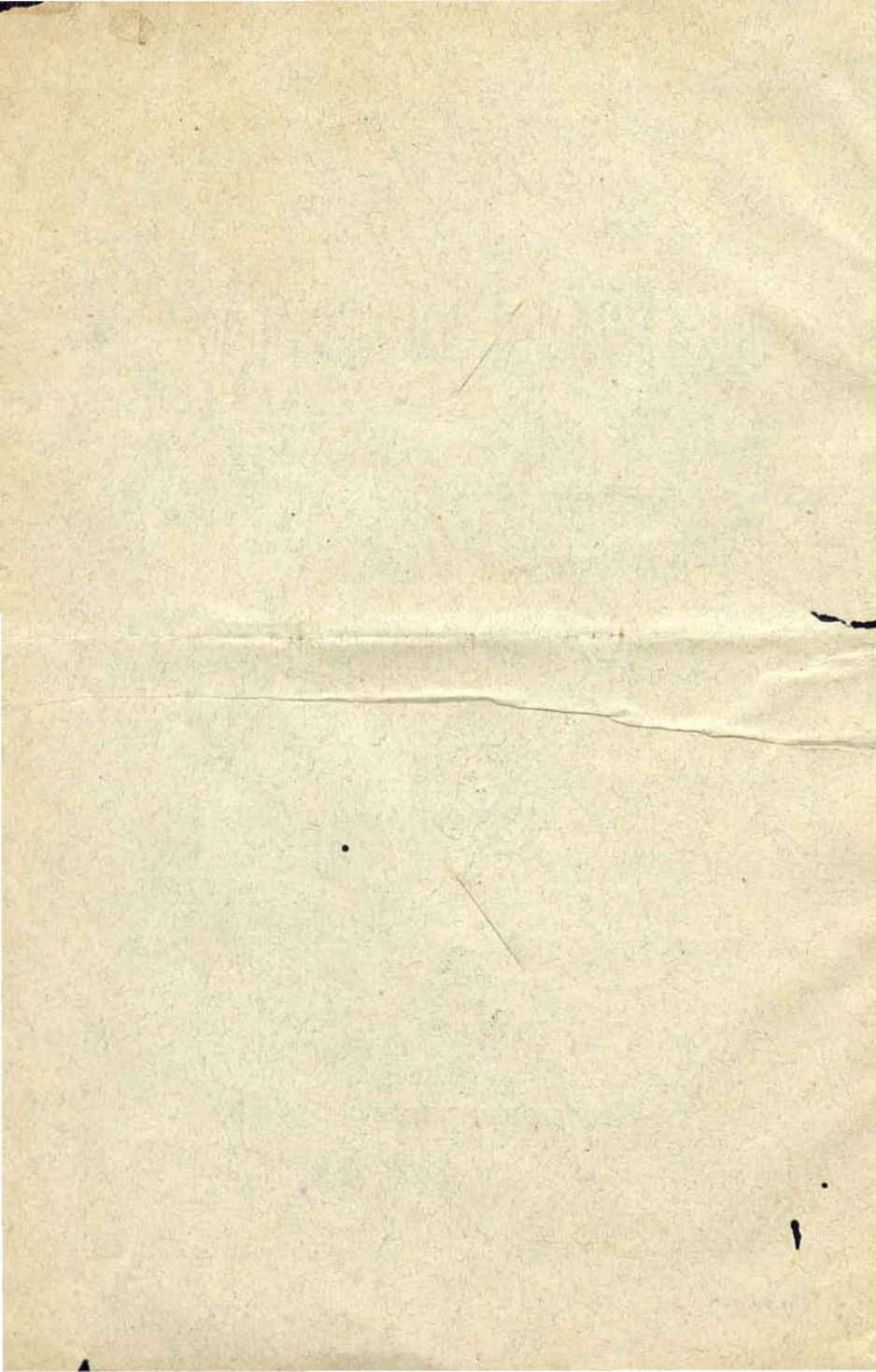
Marques de Carvalho

O SONHO DO MONARCHA

POEMETO ABOLICIONISTA



RECIFE
TYPOGRAPHIA INDUSTRIAL
1886



Aos Illustrísimos Srs. Directores
da — "Revista de estudos
litteraes", offe.

O auctor.

Recife — Junho de 1886.

O SONHO DO MONARCHA

DO MESMO AUCTOR

A APPARECER SUCCESSIVAMENTE

PRESTES A ENTRAR PARA O PRELO:

A ASCENÇÃO A' LIBERDADE, poemeto abolicionista..... Opusculo

EM COMPOSIÇÃO :

A LITTERATURA AMAZONICA CONTEMPORANEA. — Ensaios de crítica litteraria..... 1 vol.
PAULINO DE BRITO, perfil litterario..... Opusculo
HARMONIAS MODERNAS, — poesias realistas em collaboração com Mucio Javrot—Primeira parte..... 1 vol.
GALERIA POETICA, — perfis litterarios dos poetas paraenses contemporaneos..... 2 vol.

Marques de Carvalho

O SONHO DO MONARCHA

POEMETO ABOLICIONISTA

RECIFE
TYPOGRAPHIA INDUSTRIAL
1886

Esta edição é feita a expensas d'uma associação abolicionista.

O auctor reserva os direitos de reimpressão.

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 3315

do ano de 1974

A

Antonio José de Lemos,

Um dos mais esforçados membros da imprensa abolicionista da Amazonia.

A

Paulino de Brito,

Valente adversario da escravidão e talentoso poeta amazonico.

Aos distinctos academicos paraenses Gaspar Costa,
Alvares da Costa e Estephanio Barroso

A'

Mocidade Amazonica

O AUCTOR.

Antonio José de Siles

Parino de Parino

Morales de Parino



INTRODUÇÃO

Ao cidadão Pedro de Alcantara

IMPERADOR !

tu vaes ouvir a voz potente
D'uns párias miseráveis... pobre, mansa gente
De quem zombas e rís em tua magestade
De monarcha orgulhoso... O pária talvez ha de
Vencer um dia a pugna athlética, enervante,
Que se fére renhida e forte n'este instante
Do norte ao sul do imperio,
O' igual de Tiberio,
Imperador senil...

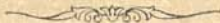
Não tremas, não, não tremas! Toda a cobardia
E' indigna d'um rei que affronta cada dia
Seus subditos fieis
Co'o cynismo mais vil
A deturpar as leis.

Tens defronte de ti um filho da Amazonia,
Da Amazonia gigante,
Que não teme do odio teu toda a acrimonia
E que vae te fallar em verso altisonante.

Vaes ser o reu, monarcha, ó mísero leproso,
Que te curvas, gemendo, ao tumulto, gottoso,
Róído do amargor
Que te deve causar na pôdre consciencia
Tristeza sem egual, ao veres a innocencia
Soffrer do captiveiro a lancinante dôr!...

Quem te accusa?... Adivinha, vamos! por quem és!...
Se és capaz, adivinha, ó *sabio* dos máis bravos...
Não pódes!... Eu t'o digo: — E' quem te roja aos pés,
E' quem desprezas, rei...

— São todos os escravos!



O SONHO DO MONARCHA

I



a camara sombria, immersa no silencio,
Dorme tranquillamente o velho imperador.
A seus pés estendido, o camarista vence-o
No somno mais quiéto e mais reparador.

Ha muito que se foi a hypochrita cohorte
D'aduladores vis, de pobres cortezãos,
Que se julgam felizes quando a vária sorte
Lhes permite oscular de Pedro as régias mãos.

O imperador se agita a súbitas no leito ;
Dos labios seus escapa um dolorido — ai !
Sua bocca desenha um tétrico tregeito
E segundo gémido pelos labios sae.

E' o sonho terrivel, implacavel, rábido,
Que vem a perseguil-o, como a tosse ardente
O thysico persegue, — fraco espectro tábido
D'um homem que foi são e morre lentamente.

*

Leitor, anda commigo, atira para longe
O receio, vem vêr o sonho mau do rei...
O temor só assenta em cérebros de monge
Que só têm fanatismo a perverter a grei.

Penétra livremente : a camara espaçosa
Todos póde conter ; a scena é magestosa,
Bem vale um sacrificio.
O panno vae subir, vae começar o drama.

O' minha amante, ó musa, a penna minha inflamma,
Dá-me o teu artificio !

II

Sonhando, Pedro ouviu a voz grave e valente
D'um anjo divinal, que assim o interpellava :
— « O' monarcha, levanta, o Deus omnipotente
Deseja te julgar, algoz da raça escrava ! »

E, bem a seu pezar, exaustado, deslumbrado,
Pedro sentiu-se erguido aos páramos azues,
Sobre o manto gentil d'estrellas salpicado,
No meio dos anjinhos ledos e tafues.

Subitamente um grande estrépito medonho
Vibrou no espaço immenso, assim como um trovão ;
E o monarcha entreviu nas telas de seu sonho
Jesus apparecer envolto n'um clarão.

— « O' rei ! — bradou raivoso o filho de María
A Pedro que chorava procurando um canto
P'ra se occultar, — aqui alguém te denuncia ;
Mereces o castigo, inutil é teu pranto ! »

Voltando-se, Jesus aos candidos anjinhos
Ordenou : — « Preparaes o grande tribunal. »
Ouviu-se pelo espaço uns brandos murmurinhos
D'azas e appareceu o conselho fatal.

Surgiram de repente uns pallidos phantasmas
De rosto côr de treva, magros como cães :
Os doentes lembravam torturados d'asthmas,
Ou creanças roubadas aos seios das mães...

Eram pobres escravos mortos nas senzalas
Aos golpes do chicote fero do *senhor* ;
Vinham sujos da lama dos sepulchros — vallas
Onde outr'ora lançados fôram com horror.

Fazia enorme grita a multidão d'espectros
Acordados ao som da tuba de Jesus.



Nas mãos tinham chicotes imitando sceptros,
Nos olhos seus brilhava flammejante luz.

— « Eis o reu, eis o rei, o amigo dos malvados,
Que á fome nos mataram ! » — todos em tumulto
Bradaram — « Sempre fômos pobres desgraçados
Por culpa de quem nunca deu o nosso indulto. »

— « Silencio ! » — ordenou o casto nazarethno. —
« Apenas dou licença a um para fallar ;
Que o resto se cõnserve impávido, sereno,
Como, quando eu desejo, o vasto e fundo mar ! »

Por encanto calou-se a multidão. Do meio
D'ella saíu um vulto enorme, colossal...
Alto como o inajá, forte como um esteio,
Fazia recordar o espírito do mal.

— « Imperador, attende ! Eu sou Henrique Dias,
O genial terror do exercito hollandez,
O negro que espantou com suas valentias
Os imigos brutaes do povo portuguez.

« Com ardor batalhei em prol da santa causa,
Da causa divinal da nossa liberdade... »
E accrescentou raivoso após pequena pausa :
— « E para compensar a immensa lealdade,

Que sempre me animou ao defender a raça
Da qual mais tarde tu devias descender,
Permittem tuas leis que o vil chicote faça
Do escravo — immunda besta e não — humano ser !

Maldito sejas pois, hypochrita monarcha !
Recáia sobre ti a colera de Deus,
Como outr'ora o diluvio circumdava a Arca,
O vicio castigando, os ímpios e os atheus ! »

Calou-se o negro... Então appareceram graves
Milhares de creanças negras e mulatas.

Vinham de toda a parte, em bandos, como as aves
Pequeninas, gentís, das poeticas ballatas.

A Pedro assim disséram : — « Somos as creanças
Que uma lei luminosa ao jugo arrebatou.
Nossos paes entretanto na desdita lanças!
No teu peito o remorso nunca se aninhou!

« Ah! nunca! nunca! é certo! O povo brasileiro
E' maldito por toda a civilisação,
Porque no Brazil reina o infame captiveiro,
Esse verme que róe a pútrida nação!

« Quasi todos nós somos filhos dos senhores
De nossas boas mães, das míseras mulheres
Que de dia soffriam do castigo as dores
E á noite lhes davam sensuaes prazeres...

Coitadas! muita vez para longe vendidas
Deixaram-nos p'ra sempre, martyres bondosas,
E vimo'-nos sem mães, creanças desvalidas,
Dos proprios paes soffrendo penas rigorosas!

« Mas libertos nós fômos, graças aos esforços
De Rio-Branco, o grande apostolo immortal
Da santa Liberdade... — O' rei! duros remorsos
Não te mordem acaso o coração brutal? »

E voando pelo espaço, a rir amargamente,
Ergueram sobre o rei os látegos nodosos
Tirados aos espectros, que sinistramente
Applaudiram gritando, loucos, furiosos!

As carnes do monarcha as duras chicotadas
Cortaram fortemente : então o meigo olhar
De Jesus osculou as fronteas estrelladas
Das creanças e fez menção de lhes fallar.

Quedas ficaram todas como as viridantes
Comas do arbusto quando a mansa calmaria

Lhes paralyza os movimentos farfalhantes.
Assim fallou o santo filho de Maria :

— « Meu Pae ordena, ó rei, que sejas condemnado
Ao supplicio sem fim das penas eternas!
E' justa a punição, foi grande o teu peccado!
Surgí, féras! surgí, demonios infernaes! »

Pedro ouviu n'esse instante insólitos estrondos,
Semilhando uma enorme e tétrica explosão.
A súbitas surgiram monstros hediondos
E o ceu s'illuminou d'um rútilo clarão.

E a voz do Salvador altisona fallava:
— « Vaes soffrer para sempre e a culpa é tua só.
Compaixão não tivéste pela raça escrava
Que perseguiste, ó féra, ríspido e sem dó.

« Porisso vaes pagar teus crimes nos infernos,
Soffrendo sem perdão por séculos sem fim.
Affasta-te, precito!... Os fogos sempiternos
Esperam-te! ... Creanças, vinde para mim! »

E acolhendo a cohorte esplendida, gloriosa,
D'espíritos gentís, d'archanjos divinaes,
Assentou-se Jesus em nuvem luminosa
E com ella se ergueu aos paços celestiaes.

III

Entretanto os demonios impelliram rindo
O monarcha infeliz aos lugubres abysmos.
Pedro olhou para traz e viu aos ceus subindo
Nova nuvem lançando enormes brilhantismos.

E gritando, a sentir as raivas do precito,
Mais uma vez fitou a nuvem fulgurante...
De seu peito escapou-se um horroroso grito
Que lembrava do toiro o ronco agonisante.

Na nuvem víra, em transfiguração venusta,
Rio-Branco, o heroe, a remontar a Deus,
Envolto n'um clarão d'apotheose augusta,
E em breve se sumir nas amplidões dos ceus!...

Nada mais pôde vêr... Os genios infernaes
As carnes lhe rasgavam louca, alegremente...
Apenas muito ao longe, ouviu uma dolente
Canção d'anjinhos loiros, castos, idéaes...

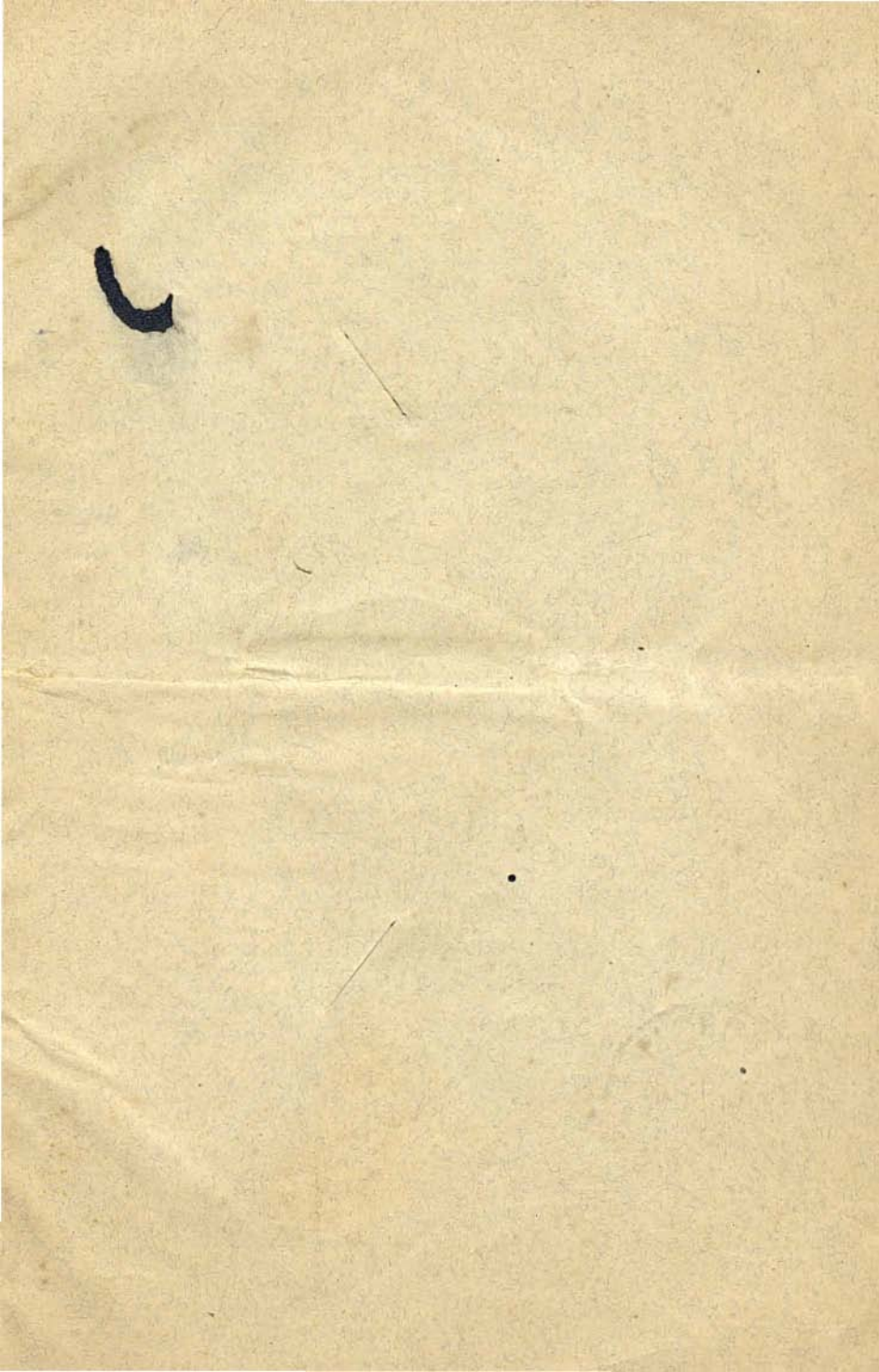
NOTA

Quem, como o auctor d'este poemeto, é moço ainda e não perdeu de todo a esperanza de ver regenerada a sua patria, deve abrir combate renhido e franco contra aquelles que se oppõem a que essa regeneração realise-se o mais depressa possível. Todos sabem o que o sr. Pedro II tem atéqui feito *em prol* da escravidão: longe de occupar-se dos momentosos assumptos que devem interessar a um monarcha de juizo, s. m. prepara-se para fazer uma viagem aos paizes estrangeiros, a fim de tambem contribuir para que os cofres nacionaes sejam mais e mais depauperados. A evolução reformadora, entretanto, vae-se operando gradualmente, tomando proporções cada vez maiores. N'estes últimos tempos, Joaquim Nabuco dirige semanalmente os mais certos golpes a esse montão de pó que chama-se monarchia, com o bico de sua luminosa penna, simplesmente. Os espiritos emocionam-se na effervescencia da indignação causada pela falsa attitude que o sr. Pedro II ha assumido n'uma questão transcendental como a abolição da escravatura,—esse facto que, presentemente, começa de consummar-se, ante os olhos da civilisação. O momento das reformas moraes completas ha de chegar naturalmente, inevitavelmente. E' já muito tarde para se pensar em oppôr obstaculos á evolução emancipadora, que, necessariamente, trará após si uma forma de governo. mais humanitaria, mais de accordo com as grandes idéas hodiernas. O jornal, o livro, o opusculo, a tribuna têm sido,—e continuarão a sel-o,—os poderosos elementos que hão de derrocar o throno de s. m. Isto é fatal.

O Sonho do Monarcha—é mais do que uma phantasia poetica: é uma lança com que o joven auctor do poemeto, supposto manejal-a com braço fraco. deseja alliar-se publicamente,—que de coração já o fez ha longo tempo,—ao benemerito partido d'aquelles que se esforçam pelo bem e pela felicidade futuros de seu paiz. Sirva de desculpa á energia da linguagem o santo motivo que lhe deu causa,—a defeza dos infelizes escravos. Defender os opprimidos é amal-os, é merecer a sympathia dos cidadãos honrados, que se interessam pelo engrandecimento do Brazil; é, n'uma palayra, praticar uma acção digna de applausos.

Recife.—Abril de 1886.

M. DE C.



avec

